

A CABEÇA DO SANTO E TORTO ARADO: RESSONÂNCIAS DA VIOLÊNCIA SOCIAL E RACIAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Ubiratan Machado Pinto¹

RESUMO: Este artigo estabelece uma reflexão crítica a partir dos romances *A cabeça do Santo* (2014), de Socorro Acioli, e *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior. Tais textos apontam para uma crise sistêmica e histórica, vinculada à exclusão social e aos vestígios da escravatura no tempo presente. A crise em pauta refere-se às condições de pobreza e às inúmeras facetas do racismo, cuja evidência mostra-se tangível nas ressonâncias da tensão étnico-racial apresentadas neste trabalho.

Palavras-chave: Violência; miséria; racismo; denúncia; resistência.

RESUMEN: Este artículo plantea una reflexión crítica a partir de las novelas *A Cabeça do Santo* (2014), de Socorro Acioli, y *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior. Tales textos apuntan a una crisis sistémica e histórica, ligada a la exclusión social y las huellas de la esclavitud en la actualidad. La crisis en pauta se refiere a las condiciones de pobreza y a las numerosas facetas del racismo, cuya evidencia es tangible en las resonancias de la tensión étnico-racial presentadas en este trabajo.

Palabras clave: Violencia; miseria; racismo; denuncia; resistencia.

Introdução

Não é possível ignorarmos que grande parte das narrativas ficcionais pertinentes à literatura brasileira contemporânea evidenciam as desigualdades sociais e o racismo estrutural resultantes da história colonial do país, um passado atroz, ainda à espreita em nosso meio coletivo. Tais questões relativas à formação histórica e cultural do Brasil continuam presentes através de produções literárias recentes, desdobrando-se em outras formas de discriminação também correlacionadas à herança e ao imaginário de uma época orientada pela visão intolerante e opressora do colonizador. A partir de tais observações, façamos o seguinte questionamento: por que determinados textos relacionados à literatura brasileira, sobretudo a do século XXI, manifestam intensas ressonâncias de uma crise política, moral e sociocultural, deflagrando a tensão étnico-racial tão presente no cotidiano? Para responder a esse dilema, e ciente de que não nos faltam uma vasta quantidade de obras ficcionais para esclarecer ou apenas

¹ Doutor em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Literatura Comparada e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autor de *A vida é vermelha: para além do limiar da Shoah* (2019), produção acadêmica publicada pela Gramma Editora, e de *Breves olhos que se movem na neblina* (2021), romance lançado pela Editora Urutau.

refletir acerca do impasse, adotemos como referência textual os romances *A cabeça do Santo* (2014), de Socorro Acioli, e *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior.

As duas narrativas anteriormente mencionadas escancaram a ferida da miséria humana fora dos eixos urbanos, além de expor a injusta segregação entre classes sociais, que se acentua ainda mais pelo preconceito racial. Segundo a filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, tais aspectos são “referências básicas da luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo étnico subordinado” (GONZALEZ, 2020, p. 134). Tanto em *A cabeça do santo* quanto em *Torto Arado* notamos as discriminações sociais e raciais que restringem os protagonistas nesses romances, enredados em circunstâncias de vida difíceis e intransponíveis. São sujeitos marginalizados por um sistema excludente que os fazem lutar pela sobrevivência porque simplesmente essa é a única alternativa para que possam cumprir aquilo que a sina impõe a eles na precariedade de suas existências. Se há personagens circunscritos a um mundo limitado, opressor e desigual, isso significa dizer que todos eles estão longe de serem respeitados como cidadãos e mantêm-se alheios a qualquer oportunidade que lhes proporcionem estarem em uma situação econômica mais íntegra e humanamente possível.

É necessário destacar que as duas narrativas em questão esboçam a denúncia social para seus leitores e mostram-se inseridas em um contexto histórico de intolerância e violência. E também não é à toa que muitas dessas obras ficcionais de 2010 em diante encontrem correspondência com aquelas concebidas na década de 1930, um dos períodos mais fascistas da história do Brasil, a exemplo do Estado Novo de Getúlio Vargas. Coincidência ou não, atravessamos, atualmente, um tempo marcado por ideologia neofascista e governo de extrema-direita.

O autoritarismo nunca foi novidade no Brasil. Assim como a submissão dos desfavorecidos à elite brasileira também sempre fez parte do sistema econômico e político do país. Há uma dicotomia que explica o feroz processo civilizatório do país e não é nem um pouco complicado de estabelecer a oposição sociológica que nos divide há tanto tempo: na luta de classes, confrontam-se o colonizador europeu e o indígena colonizado, o senhor de engenho e o escravo, o burguês e o criado, o rico e, finalmente, o pobre, herdeiro de todos os estigmas enumerados nessa relação. Estar em condições de pobreza é estar suscetível a receber todos os rótulos discriminatórios que reduzem o ser humano a um estado permanente de degradação moral e social. No livro *Sobre o autoritarismo brasileiro*, Lilia Moritz Schwarcz afirma-nos o seguinte:

Naturalizar a desigualdade, evadir-se do passado, é característico de governos autoritários que, não raro, lançam mão de narrativas edulcoradas como forma de promoção do Estado e de manutenção do poder. Mas é também fórmula aplicada, com relativo sucesso, entre nós, brasileiros. Além da metáfora falaciosa das três raças, estamos acostumados a desfazer da imensa desigualdade existente no país e a transformar, sem muita dificuldade, um cotidiano condicionado por grandes poderes centralizados nas figuras dos

senhores de terra em provas derradeiras de um passado aristocrático (SCHWARCZ, 2019, p. 19).

Conforme explica a autora no trecho acima, é impossível crer na idealização da miscigenação brasileira quando se sabe que a dominação colonialista no Brasil foi extremamente violenta e impiedosa, além de haver um abismo estrutural notório a dividir a elite branca da população negra. É por isso que a ideia de “três raças” deve ser interpretada como algo fantasioso e não condizente com a realidade. Averiguar essa espécie de crise sistêmica histórica é o que será feito nas páginas a seguir, tratando-se da maneira como todas essas questões aprofundam o debate sobre nosso papel social para desconstruir os paradigmas colonialistas, ainda incrustados nos dias de hoje, e detonar a episteme eurocêntrica, da qual não devemos ser reféns, promovendo, com os romances citados, uma agenda discursiva favorável à igualdade e à justiça social.

1. Peregrinação a contrapelo

Samuel é o protagonista do romance *A cabeça do santo*. Socorro Acioli desenvolve sua narrativa mostrando as agruras de um sujeito de vinte e oito anos em busca de seu pai, a desvalida dureza de “um corpo magro e faminto, quase uma sombra, que não parava de andar” (ACIOLI, 2014, p. 8). Para isso, ele vai a pé de Juazeiro do Norte até a cidade de Candeia. A viagem foi feita a princípio contra a sua vontade, pois tal jornada se deve ao fato de ele ter feito o caminho por consideração a sua mãe, Mariinha. Antes de morrer, ela fez quatro pedidos ao seu filho: acender uma vela no santuário de Padre Cícero, outra na estátua de São Francisco, mais uma para Santo Antônio, todas aos pés de cada santo, e o derradeiro pedido, mas não menos importante: procurar Niceia Rocha Vale e Manoel Vale, a avó e o pai, respectivamente, na cidade de Candeia. A mulher idosa o recebeu de maneira distante, sem deixá-lo entrar na casa, dando-lhe pães para comer, além de indicar um lugar coberto para repousar no meio da mata. Um cão mordeu sua canela no trajeto. Foi nesse local que Samuel começou a ouvir vozes de mulheres, que pareciam estar rezando. De repente ele percebeu que estava dentro de uma cabeça que pertencia a estátua gigantesca de um santo, que rolou morro abaixo:

Quando se virou para observar o lugar onde estava, com a ajuda da pouca luz do sol encoberto, Samuel percebeu que a gruta onde passou a noite era, na verdade, uma cabeça gigante, oca e assustadora. Uma cabeça de santo. Mesmo coberta de plantas, via-se que o nariz era grotesco, dois buracos enormes, boca pra cima, lábios grossos, fechados, olhos esbugalhados, expressão séria. O globo ocular era o mais assustador: um par de bolas de concreto presas por fios de aço nos olhos vazados (ACIOLI, 2014, p. 22).

A peregrinação a contrapelo pode ser interpretada como a decorrência das manifestações de ordem espiritual que Samuel passa a canalizar de forma inesperada após ter

completado o sofrido itinerário até a cidade de seu pai, uma vez que escutar vozes no interior da cabeça do santo não era algo que ele estivesse preparado para lidar. Sua missão era apenas acender as velas para os santos de que sua mãe era devota, sem permanecer em nenhum lugar santificado. Outro entendimento que podemos formular a respeito desse trajeto ao revés é o de que o protagonista acaba se encontrando com a sua própria espiritualidade em detrimento da finalidade determinada por sua falecida mãe. O que a narrativa nos apresenta é justamente a fragilizada conjuntura na qual os personagens presentes na trama procuram dar algum sentido às suas vidas em uma cidade pequena e modesta, apartada dos centros urbanos em que residem os “vencedores”, os que tiveram êxitos financeiros ou algo parecido, aqueles que tem moradia própria e uma despensa repleta de alimentos.

Por intermédio desse romance, Socorro Acioli volta-se para outra realidade, lançando luzes em uma história sobre indivíduos que talvez pudessem ser esquecidos facilmente aos olhos das grandes metrópoles. De acordo com o que pondera Walter Benjamin (1981) em seus ensaios filosóficos, talvez vale elaborarmos a leitura da obra como se estivéssemos escovando a história a contrapelo: é fundamental que se perceba o imaginário da injustiça social nesse texto literário, muitas vezes suplantado por discursos elitistas e de repúdio moral, sem deixar de distinguir o brio e a honradez pertinentes a um enredo concentrado na valorização de tipos humanos singulares.

A vida de Samuel se transforma quando passam a conhecê-lo como “mensageiro de recados do Céu” (ACIOLI, 2014, p. 41), deixando de ser visto como um forasteiro. Quem o ajudava com isso era um menino chamado Francisco. Através dele, as mulheres de Candeia encontravam-se com Samuel com o objetivo de pedir auxílio a Santo Antônio para se casarem e, assim, a cidade também começou a se alterar, tornando-se um local de peregrinação por conta da suposta vidência milagrosa do personagem. Inauguraram um cine – o que alude à chegada do cinema em Macondo, conforme uma passagem do romance *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez –, fizeram história de cordel, tudo em nome da cabeça do santo. A organização política da cidade é um exemplo típico de como funciona o exercício do poder fora das urbes desenvolvidas:

Não havia ordem alguma nessa invasão. A cidade tinha prefeito e delegado. Eram pai e filho, inclusive, mas só apareciam de vez em quando para fazer o pagamento do zelador da prefeitura, do servente da delegacia e da auxiliar do posto médico. O dr. Adriano era pago pelo governo do estado. Davam uma olhada na cidade, com a cara de desdém mais insípida que podiam, e partiam sem deixar rastro (ACIOLI, 2014, p. 51).

O fragmento acima trata não apenas da maneira como tudo parece dar a impressão de funcionar em uma cidade do interior, como ainda destaca a forma como governantes e pessoas aliadas de certo modo a eles utilizam a posição de privilégio para não agirem com total honestidade. Dar “uma olhada na cidade” é fazer vista grossa para os problemas reais da

localidade, isto é, gerir de acordo com o poder corrompido que se tem, não se importando com políticas públicas e/ou gestões governamentais adequadas para atender a população. Assim, a corrupção é uma anomalia do sistema político que assinala as relações baseadas em suborno, abuso de autoridade e lavagem de dinheiro:

Trata-se [a corrupção] de uma prática que degrada a confiança que temos uns nos outros e desagrega o espaço público, desviando recursos e direitos do cidadão. Não por coincidência, ela se encontra, muitas vezes, associada ao mau trato do dinheiro público, ocasionando o descontrole das políticas governamentais (SCHWARCZ, 2019, p. 88).

Candeia, além de estar entregue à própria sorte por causa de um prefeito desonesto, torna-se uma espécie de centro religioso que converge milhares de mulheres em busca de uma solução para seus anseios. O interesse pelos milagres do santo casamenteiro opera ainda mais transformações na cidade que, antes de Samuel chegar, parecia jazer em profundo silêncio. Nesse sentido, podemos considerar que a narrativa de Socorro Acioli, certa vez aluna de Gabriel García Marques em uma oficina literária, incorpora elementos do realismo maravilhoso, um dos traços característicos da ficção latino-americana, que pode ser notado muito claramente “quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação não habitual ou particularmente favorecedora das desconhecidas riquezas da realidade [...]” (CARPENTIER, 1987, p. 140). É assim que o extraordinário se naturaliza na história como se o fenômeno de ouvir vozes por dentro da cabeça cimentada de um santo fosse algo visto como pertinente àquela realidade e até mesmo trivial para os moradores. Dessa forma, Acioli produz uma prosa elegante e admirável, fazendo da enigmática Candeia um tipo de localização semelhante à Macondo no memorável romance do escritor colombiano, mas seria a Macondo cearense, milagrosa, de clima árido, talvez ignorada no mapa do Brasil.

Apesar de o protagonista estar mentindo para as mulheres que o procuravam, uma vez que inventava qualquer desculpa para atender aos desejos de todas elas, a graça era curiosamente alcançada, aumentando o seu prestígio como porta-voz celestial no local que já não era mais tão pacato como antes:

Os donos dos estabelecimentos comerciais recém-criados estavam dedicados aos negócios, enchendo os bolsos de dinheiro, fazendo melhorias. A cidade, agora, tinha casas coloridas, iluminação pelas ruas, uma igrejinha pintada de azul, uma praça em recuperação. Pousadas, barbearias, restaurantes, lanchonetes e até um bordel foram inaugurados em Candeia, ocupando as antigas casas abandonadas (ACIOLI, 2014, p. 56-57).

Quem censura a movimentação em Candeia é a avó de Samuel. Para ela, que reside em uma casa impenetrável a estranhos e misteriosa, toda a culpa do que estava acontecendo era de

seu neto. Ao se reencontrar com a avó para se despedir, ela faz previsões ameaçadoras, avisando-o de que seria muito perigoso permanecer na cidade. Nesse ponto da narrativa, ele já tinha modificado totalmente a sua condição social.

Nada o impediria de ir embora de Candeia naquele mesmo dia, se desejasse. Tinha dinheiro suficiente para ir a qualquer lugar até de avião. Não era mais o pobre estropiado que chegou ali sujo, descalço e mendigando água suja e pão seco. Agora tinha prestígio, dinheiro, usava roupas boas, ia ao cinema, comia lasanha todos os dias e dormia num colchão de molas, dentro da cabeça de santo Antônio (ACIOLI, 2014, p. 65).

Pensar sobre a ascensão social de Samuel é trazer à baila uma discussão bastante complexa no que tange refletirmos sobre meritocracia. Ele deixa de ser um sujeito associado àqueles que são vistos como fracos, perdedores, vencidos, marginalizados, descréditos esses que, inclusive, são dispensados de maneira preconceituosa à população negra, para tornar-se o herói local, aquele que venceu e prosperou em meio à uma cidade considerada pobre e atrasada no tempo. Para Sidney Chalhoub, historiador e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e do Departamento de História da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, a ideologia meritocrática sugere uma falsa ideia de igualdade social, pois, na verdade, sua concepção, no sentido etimológico e clássico do termo, seria algo eticamente legítimo, uma vez que se pauta no desempenho, na virtude e no mérito individuais para haver a devida recompensa. No entanto, tal princípio acentua as nossas dissonâncias socioeconômicas:

A meritocracia como valor universal, fora das condições sociais e históricas que marcam a sociedade brasileira, é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade. Portanto, a meritocracia é um mito que precisa ser combatido tanto na teoria quanto na prática² (CHALHOUB, 2017).

Vale frisar que Samuel não age em prol de benefício próprio porque simplesmente quis que isso acontecesse dessa forma. Sua melhoria de vida não foi um caso pensado ou algo arquitetado por ele e nem mesmo as manifestações espirituais foram planejadas. Trata-se de uma história desprovida de ambição que mostra, de modo subentendido no discurso narrativo em terceira pessoa, o itinerário incerto de um rapaz subordinado à lógica da gratificação, pois toda tentativa de se resolver na vida, no contexto histórico do qual faz parte, é uma forma de garantir a sobrevivência e fugir da miséria. Ele continua sendo um sujeito que representa a desigualdade social na figura de um brasileiro desprovido de meios dignos para se emancipar como cidadão.

² CHALHOUB, Sydney. “A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades...” (entrevista feita no dia 07/06/2017). Jornal da Unicamp. Disponível em: <encurtador.com.br/tyHW3>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Além do mistério que envolve a casa de sua avó e da emboscada que sofre durante à noite, quando um homem quase o enforca para assustá-lo e dizer que fosse embora de Candeia, Samuel se sente seduzido por uma “Voz que Canta”. Seu desejo é descobrir quem era a moça que cantava pontualmente às cinco horas da manhã e da tarde. Era um idioma estranho para ele, mas podia identificar ao menos as palavras “saudade”, “coração”, “despedida”, “mar”, “voltar”, “longe”. O fascínio dele sinaliza ao leitor um sentimento de ternura e felicidade que nutre em relação ao canto que o enfeitiçava enquanto permanecia na cabeça do santo: “Ele gostava quando a Voz falava do mar azul. “Vida de mar”, ela dizia, isso ele entendia bem. Pensava no oceano, nos desejos de antes, nos tempos de criança em que as esperanças eram vivas” (ACIOLI, 2014, p. 65).

A impressão que se tem, após terminar de ler a narrativa, é que Candeia paira em nosso imaginário como um lugar dotado de sacralidade, onde os ritos católicos foram preservados, mas relegados ao esquecimento por conta da ganância do prefeito Osório, que ambiciona descampar a região para vender a empresários de uma fábrica toda a extensão do território, “uma terra pacata, pacatíssima, com quase mil habitantes espalhados nas ruas simétricas, minuciosamente planejadas pelos fundadores do lugar, e nos sítios dos arredores. Sem crimes, sem grandes sobressaltos, sem filhos ilustres, sem problemas graves” (ACIOLI, 2014, p. 71).

Quem fomenta a religiosidade embaciada no município é Samuel, desencadeando revelações importantes para a sua vida. Assim, ele descobre que seu pai, Manoel Vale, era um homem chamado de “Meticuloso”, um operário que trabalhava com o engenheiro contratado pelo prefeito para fazer a estátua de Santo Antônio em Candeia. O projeto, no entanto, não vinga porque “Manoel Meticuloso”, como era chamado, em um momento de ausência do engenheiro, assume o controle da empreitada e torna impossível a missão de pôr a cabeça na estrutura do corpo oco de Santo Antônio.

Devido aos pedidos de Mariinha, Samuel, quando resolve acender a vela aos pés da estátua sem cabeça de Santo Antônio, depara-se com o pai, que vivia recluso no interior da imensa carcaça de concreto. Mais uma vez, tudo o que passa a ser feito em nome da crença e da fé, embora o filho de Mariinha fosse bastante incrédulo e revoltado por conta da pobreza e da ausência paterna, adquire um significado que transcende as razões que o fazem atender às súplicas maternas, pois é a invocação de natureza espiritual que acaba promovendo o encontro entre pai e filho.

É possível relacionar o conflito vivido pelo protagonista com a posição de importância que tem a religiosidade brasileira, visto que a religião é um tema significativamente essencial para a compreendermos a força da crença e do sincretismo no país, tal como esclarece o teólogo francês e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Pierre Sanchis: “o meio religioso, sobretudo o popular, mas não exclusivamente, vive e continua vivendo certo clima ‘espiritualista’ que parece compartilhado – e modulado – por várias mentalidades segmentárias no Brasil” (SANCHIS, 2003, p. 30).

A intervenção divina ainda parece ocorrer na ocasião em que Samuel vai colocar a última vela que faltava acender para São Francisco, mas na cidade de Canindé. Expulso de Candeia através dos conluios do prefeito, ele finalmente se aproxima de Rosário, personagem que tinha a voz que o encantava tanto. Ao final da trama, retoma-se uma história paralela à trama principal, com personagens que justificam a existência inusitada dessa menina, filha de Fernando, um comerciante português que, um dia, resolveu viajar para a África, abandonando Helenice, proprietária de um bar em Candeia, a que deu um saco de pão velho para Samuel quando ele chegou à cidade. Em Cabo Verde, Fernando se envolve com Maria, dona de banca de colares e brincos, com quem tem uma filha chamada Rosário. Em um acidente marítimo, Maria morre e o português resolve voltar para Candeia acompanhado da menina. Ao retornar para o Brasil, fica sabendo que a dona da bodega havia engravidado dele. Assim, Fernando batiza a filha que teve com Helenice antes de viajar para a África e inventa uma desculpa para justificar a vinda ao Brasil da filha que foi fruto de seu amor com Maria, explicando que ela era uma criança perdida na África, adotando-a para protegê-la de quaisquer adversidades.

Rosário falava e cantava em crioulo cabo-verdiano, entoando “mornas”, um gênero musical típico desse país, e era essa a voz que Samuel escutava na cabeça do santo. A menina, no entanto, sofria com a mãe adotiva porque soube que ela era fruto da traição de seu marido: “Helenice não gostava de passear com Rosário em Candeia, ela vivia quase reclusa, imaginando as maledicências que poderia ouvir” (ACIOLI, 2014, p. 83). A mulher de Fernando livra-se da menina nascida em Cabo Verde, mas é salva por um romeiro, irmão bastardo de Helenice.

Embora tenha sido rejeitada e abandonada por Helenice, a ponto de precisar contar com a própria sorte para sobreviver, Rosário destaca-se no romance de Socorro Acioli como a personificação do milagre de sua sobrevivência que justifica a espiritualidade que se aflora em Samuel, revolucionando sua vida por completo. A partir do momento em que coloca em prática o propósito de estar em Candeia, respeitando os desejos de sua mãe, ele ressuscita o fervor religioso desse lugar e equaciona a crise que traz consigo. Conforme diz o sociólogo Octavio Ianni, “em vários dos estudos sobre comportamento e representações religiosas está presente a preocupação em compreender as relações desses fenômenos com as situações de crise ou transição nas quais se encontram as pessoas e os grupos sociais” (IANNI, 1989, p. 29).

Através do que está além do alcance racional, daquilo que não se explica segundo a concretude do real ou conforme a lógica mais cartesiana dentre tantas outras linhas de pensamento baseadas na pura racionalidade, o peregrino de Juazeiro do Norte junta as peças do seu quebra-cabeça familiar e confirma a sua iluminação epifânica quando, depois de muitas atribulações, fica frente a frente com a menina cabo-verdiana. A experiência religiosa de Samuel se realiza nos arrabaldes da sociedade neoliberal contemporânea, em cidades como Candeia e Canindé, onde os ventos da modernidade não chegaram a soprar com nenhuma intensidade, onde o ritmo de vida é obsoleto e onde a manifestação do divino é um trunfo contra a estagnação social, pois “todo o tempo é suscetível de se tornar um tempo sagrado” (ELIADE, 1997, p. 492).

2. Resistência como herança ancestral

Torto Arado apresenta ao leitor os relatos das irmãs Bibiana e Belonísia, descendentes de escravizados, filhas de José Alcino da Silva, conhecido como Zeca Chapéu Grande, curandeiro e mentor espiritual da região onde moravam, e Salustiana Nicolau. Na terceira parte do romance de Itamar Vieira Junior, uma entidade “encantada”, um espírito muito antigo encerra a narrativa. Durante a infância, as irmãs, moradoras da Fazenda Água Negra, encontram uma faca dentro de uma mala de couro guardada embaixo da cama da avó Donana, e cada uma delas coloca o instrumento na boca, tamanho o fascínio pelo metal cintilante aos olhos das duas. Belonísia termina por cortar a sua língua, um acidente irreparável que a deixa sem poder se comunicar através da fala, sendo incapaz de usar palavras para se expressar, o que transforma a relação entre ela e Bibiana:

Aquele era o nosso pacto de vida, desde o fatídico dia em que a faca de Donana havia fendido nossa história, decepado uma língua, impedido a produção de sons, ferindo a vaidade de uma Mãe d’Água, mas unindo duas irmãs nascidas do mesmo ventre, em tempos diferentes, pela vida até aquele instante. [...] Sem a comunicação era como se nos silenciássemos mutuamente. Era silenciar o que tínhamos de mais íntimo entre nós. Sem poder me tocar, ela não poderia sentir a vibração da respiração em meu corpo. Sem poder lhe tocar, não poderia sentir a velocidade com que o rio de sangue corria em suas veias. Não poderia saber, a partir da sua agitação interior, seus humores, se bravos ou mansos. Não poderia olhar para meus olhos e perceber, apenas com o exame de meus movimentos, o que intencionava (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 37).

Bibiana torna-se professora, une-se ainda mais à Belonísia e procede como a sua portavoiz em vários momentos de vida que tinham na Fazenda Água Negra. A propriedade rural na qual algumas famílias trabalham é, na verdade, um local de ancestralidade negra, um latifúndio de exploração social bastante comum em diversas regiões do Brasil. Os pontos de vista que se expõem nesse romance não são aqueles estabelecidos por narradores homens e brancos, socialmente privilegiados por conta da história colonial brasileira, mas, sim, tratam-se de perspectivas femininas, sobretudo de mulheres negras que se mostram conscientes da servidão a que estão condicionadas. Elas ocupam um lugar de resistência há muito tempo habitado por seus antepassados. O que vem à tona no decorrer das páginas de *Torto Arado* é luta pela conservação da identidade quilombola das irmãs e dos habitantes que realizam suas lidas na fazenda. “Quilombo” deriva da palavra *kilombo*, termo utilizado pelos povos de Angola e da África Ocidental, significando “pouso”, “acampamento”. O vocábulo, em nosso contexto histórico, designa o lugar de refúgio de escravizados, o que também demarca o signo da reação

operante dos povos negros contra a opressão exercida pelos descendentes de colonizadores de origem portuguesa:

A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitiantes que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 38).

Trabalhar na terra dos patrões era estar subordinado à uma lógica escravista, como se tais pessoas submetidas ao esforço corporal dos donos das terras estivessem rotuladas ou inseridas na categoria de um estatuto racista de inferioridade social, uma vez que essa é a diretriz do pensamento escravocrata dos colonizadores, algo que o filósofo camaronês Achille Mbembe, na obra *Crítica da razão negra*, nos esclarece da seguinte forma:

A ordem colonial se baseia na ideia de que a humanidade estaria dividida em espécies e subespécies que podem ser diferenciadas, separadas e classificadas hierarquicamente. [...] Assim, não seria de todo um exagero dizer que o Estado colonial opera por meio da estatização do biológico (MBEMBE, 2018, p. 123-124).

A Fazenda Água Negra é um espaço de discriminação racial que pode ser percebida por meio da própria denominação do local. Se a ótica colonialista assinala as relações humanas firmadas nessas terras, isso significa dizer que o negro, invisibilizado na histórica e já conhecida condição de subalterno nesse ambiente de abuso e violência, não tem chances de ter uma vida digna devido ao racismo legitimado pelas estruturas de poder herdadas do mundo colonial: “Uma íntima relação sempre vinculou o nome “negro” à morte, ao assassinato e ao sepultamento. E, óbvio, ao silêncio a que deveria necessariamente ser reduzida a coisa – a ordem de se calar e de não ser visto” (MBEMBE, 2018, p. 264). Bibiana e Belonísia, já adultas e cientes da realidade acerca do que vivenciam, testemunham a dissimulação das diferenças entre as classes sociais, uma vez que isso parece ser natural, lícito e aceitável. No entanto, a segregação racial sempre caracterizou a história de vida da família porque o racismo nunca deixou de existir e fazer vítimas até os dias atuais, o que Cuti, nome artístico de Luiz Silva, escritor, poeta e dramaturgo paulista, elucida desta forma:

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas (CUTI, 2010, p. 12).

Por mais que os senhores da fazenda rejeitassem o fato de que a região era, na verdade, um quilombo, o que se justifica pela conjuntura histórica relacionada à escravidão instituída no Brasil, Bibiana protagoniza a revolta dos trabalhadores de Água Negra, mobilizados por ela, incentivando a luta contra as injustiças, as más condições de trabalho, a apropriação indevida de uma parcela da produção da roça de Zeca Chapéu Grande, o estado de eterna subordinação que os faziam permanecerem rendidos nesse espaço. A narrativa não nos fornece nenhuma marca específica de temporalidade, e o mais interessante do romance é justamente isto: a história das irmãs quilombolas tanto evoca o passado colonial quanto aponta para as incoerências de um tempo presente no qual ainda persiste o racismo estrutural.

O ritual de jarê, a prática religiosa sincrética típica da região da Chapada Diamantina, provida de influências africanas e indígenas, na qual há a fusão de elementos do candomblé dos caboclos, do catolicismo rural e do espiritismo kardecista é uma referência fundamental da crença e da formação cultural de Bibiana e Belonísia. A professora nos diz o seguinte: “Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 42). Zeca Chapéu Grande, “curador de jarê”, é o guia espiritual da localidade e o exercício do culto, surgido à época do ciclo da mineração, no final do século XVIII, pode ser entendido como a persistência de um costume hierático que, cultivado pelos quilombolas do período colonial, representa não apenas a devoção do povo escravizado pelos colonizadores desumanos dessa fase histórica, como também distingue e valoriza o legado identitário desprezado nas terras de leis arbitrárias de Água Negra.

Na segunda parte do romance, quem narra sobre os conflitos vividos na fazenda é Belonísia. Bibiana já havia saído de casa e a convivência entre as duas não era mais intensa como nos tempos de infância e juventude. A irmã que cortou a língua durante a traquinice infantil com a faca com cabo de marfim acomodada em uma mala de couro sentia-se solitária quando via a cama de Bibiana vazia e, sem a presença dela até mesmo para auxiliá-la na escola, visto que a sua mudez poderia deixá-la distanciada do mundo da aprendizagem, sua vida tomou um rumo muito diferente. Belonísia gostava dos afazeres da roça e da cozinha e não se interessava pelas aulas que tinha, não lhe despertavam encanto algum a matemática, a história do Brasil, o português. Seu letramento não foi muito adiante, pois o desejo de lidar com a terra e com as tarefas culinárias era maior. Ela podia ler e escrever com total destreza, mas sua aprendizagem era outra: conhecia os caminhos da mata, sabia quando o tempo estava para chuva, entendia de ervas e raízes, tudo por influência do pai, que dominava profundamente os saberes e os fenômenos da natureza, deixando o seu legado para a filha antes de morrer.

No entanto, com o relato da irmã que preferiu a vida com os trabalhos rurais, ficamos a par de que essa rotina não era nada fácil. O cotidiano de Belonísia baseia-se na dureza de uma exaustiva labuta pautada pela exploração e pelo lugar de mulher adaptado a uma visão de

mundo machista: “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 88). Com a volta de Bibiana para Água Negra, já casada há tempos com seu primo Severo, Belonísia entra em conexão novamente com o mundo letrado da irmã e seu retorno traz à tona a hostilidade dos fazendeiros que almejavam vender as terras e deixar todos os trabalhadores desamparados. É nesse momento que Severo assume posição contrária à tirania dos brancos, coletando assinaturas de roceiros e empregados da fazenda. O desfecho é trágico, com derramamento de sangue e ódio racial evidente, tal como podemos esperar de um romance muito comovente como esse, escrito por Itamar Vieira Junior, que mostra claramente em sua literatura a violência intransigente contra os negros:

A discriminação racial se comunica, no plano do sentimento e das emoções, com outras tantas discriminações individuais ou coletivas. Além disso, em uma sociedade multirracial como a brasileira, todos estão envolvidos, de alguma forma, nos processos de discriminação antinegra, seja por ser vítima ou algoz, ou ainda por ser omissos (CUTI, 2010, p. 87).

Torto Arado é um romance fundamental para que se possa compreender a história do Brasil através do discurso daqueles que não foram ouvidos no decorrer dos tempos ou que nunca tiveram voz para expor o tratamento desigual e feroz recebido de capatazes, senhores de engenho, fazendeiros, empresários ricos, patrões impiedosos, uma série de perfis sociais de sujeitos que ocupam o lugar de déspota nos livros referentes a esse mesmo processo histórico pelo qual o mosaico identitário multirracial brasileiro foi muitas vezes silenciado, omitido e ignorado. A narrativa de Itamar Vieira Junior, nesse sentido, evoca o manifesto antirracista necessário na literatura brasileira contemporânea, rompendo com o pensamento conservador e discriminatório a respeito do racismo no Brasil, como o sociólogo Clóvis Moura nos diz neste trecho abaixo:

O aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista gerou um pensamento racista que perdura até hoje. Como a estrutura da sociedade brasileira, na passagem do trabalho escravo para o livre, permaneceu basicamente a mesma, os mecanismos de dominação inclusive ideológicos foram mantidos e aperfeiçoados. Daí o autoritarismo que caracteriza o pensamento de quantos ou pelo menos grande parte dos pensadores sociais que abordam o problema do negro, após a Abolição (MOURA, 1988, p. 23).

Conforme podemos verificar mediante o que nos contam as enciclopédias, as apostilas didáticas e principalmente certas obras sobre o estudo da colonização do Brasil, cujas consequências da disputa territorial podem ser percebidas até nos dias de hoje, “o problema do negro”, como destaca Clóvis Moura, não apenas exemplifica o pensamento político de uma

sociedade alicerçada pela escravidão, como ainda revela, sem meias palavras ou disfarces, a primazia de um sistema ideológico que sempre foi racista. O que falta em muitos aportes teóricos relativos a essas questões, cruciais para entendermos a tensão étnico-racial em nosso país, é esclarecer que o negro sempre foi considerado como “mercadoria”, “objeto”, “material de troca”, “mão de obra acessível” a serviço da exploração colonial, uma vez que nunca teve qualquer reconhecimento na justa e própria condição de “ser humano”, “cidadão”, “indivíduo”. O racismo, para além do que está estruturalmente incrustado no cotidiano, tem a finalidade de desumanizar o ser humano de forma absoluta e irreversível:

Vivenciar a servidão é ser colocado à força na zona de indiferenciação entre o homem e o animal, nesses lugares em que se observa a vida humana a partir da postura do animal – a vida humana que assume a forma da vida animal até o ponto em que se torna impossível distingui-las, até o ponto em que já não se sabe o que do animal é mais humano do que o homem e o que do homem é mais animal que o animal (MBEMBE, 2018, p. 266).

Bibiana, Belonísia, Zeca Chapéu Grande, personagens de algum modo sitiados em uma fazenda que lhes suga a vida, o direito de pertencimento a um lugar de resistência e a possibilidade de terem também o direito à terra, são sujeitos que suportam todas as formas de opressão apontadas e denunciadas em *Torto Arado*.

Belonísia é neta de escravizados. Sua sina está marcada na história de seus ancestrais. A faca com cabo de marfim, extirpando sua língua acidentalmente, o chapéu de palha que protege do sol as cabeças dos trabalhadores, as ferramentas utilizadas nas terras, todos esses elementos são importantes na narrativa porque sinalizam o *modus faciendi* daqueles que foram e continuam sendo colocados em posição de subordinados aos fazendeiros, homens de certo prestígio social na região, orientando autoritariamente o *modus vivendi* de seus funcionários subalternizados, algo que se prolonga de geração em geração:

Meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós. Minha avó, Donana, tinha dado à luz o filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 123).

Nesse contexto histórico e na perspectiva ficcional do romance, o adjetivo “cativo” opõe-se semanticamente a “senhor”, visto que, por um lado, há o dono da fazenda, a autoridade máxima de uma propriedade rural, o capataz, o homem branco, o que é respeitado na sociedade escravocrata da qual faz parte, enquanto, na direção oposta a essa classificação hierárquica elitista e discriminatória, está o escravizado, o empregado dos fazendeiros, o prisioneiro que

sofre agressões físicas desumanas, aquele que sempre foi visto como uma figura silenciada e à mercê das vontades e dos desmandos de senhores prepotentes e repressores.

Na história da literatura brasileira, o negro se apresenta como um sujeito refém de organizações sociais baseadas em uma hierarquia excludente e de viés aristocrático, a exemplo de algumas produções literárias, sobretudo as do século XIX, cujo foco narrativo gira em torno de vozes nunca sujeitas ao preconceito racial e através das quais predomina a ótica cientificista da época, norteadas pelo determinismo biológico, isto é, o racismo científico estruturado pela ideia pseudocientífica de haver diferença entre raças, categorizadas como inferiores e superiores. Esses são os reflexos de uma visão de mundo obsoleta que não condiz com a nossa realidade, embora a discriminação racial infelizmente seja ainda algo evidente no meio social, e nem continua a influenciar a criação literária da atualidade:

O passado histórico da escravidão tem sido a tônica para se retratar a personagem negra na condição servil. Entretanto, há condições do negro na época colonial, além de outros momentos da história situados no pós-Abolição. Tanto um quanto outro são temas caros para a vertente aqui estudada, isso porque os reflexos do passado estarão sempre ativos no presente, dialogando com o tempo que flui (CUTI, 2010, p. 93).

Belonísia não é uma personagem negra condicionada a uma subserviência degradante, assim como Bibiana não corresponde com esse perfil. A terceira narradora, espírito ancestral que testemunha a violência racial desde os tempos coloniais, é uma entidade que também foge dessa posição submissa. Todas elas narram a história do romance e suas perspectivas em relação à vida agrícola, ao arado que prepara a terra para o plantio, são compartilhadas com os leitores para mostrar que a força das irmãs quilombolas é capaz de remexer o solo ocupado por elas e seus ancestrais, é algo capaz de desestruturar a vilania dos algozes, expondo aquilo que nunca teve a oportunidade de ser revelado por intermédio de vozes negras, como se pode verificar pelo relato da última parte de *Torto Arado*:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 157).

Conclusão

Ao longo deste texto, pudemos examinar, com as leituras de *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, as questões socioeconômicas sobre o direito à terra, um dilema que envolve até mesmo debates políticos a respeito da reforma agrária no Brasil, o danoso legado da corrupção no contexto brasileiro, um mal social a favor daqueles

que ocupam grandes cargos de poder nos mais diversos órgãos governamentais e sucumbem, na esfera da própria estrutura política a que pertencem, à desonestidade e à falta do senso de ética e moralidade nas relações humanas, além de analisarmos, ainda, a tensão de ordem étnica constatada nessas narrativas, o que pressupõe estarmos lendo romances que se referem ao comprometimento com as discussões vigentes acerca do quão importante é estar em conformidade com o favorecimento de uma postura antirracista, dando maior representatividade ao movimento de combate à discriminação racial.

Para a professora e filósofa estadunidense Angela Davis, é necessário sermos antirracistas, uma vez que não é suficiente apenas se opor a uma sociedade que marginaliza e assassina a população negra. Malcom X, defensor dos direitos dos afro-americanos, teve o seu corpo alvejado por dezesseis tiros de balas de revólver em fevereiro de 1965. Martin Luther King, ativista político, também apoiador dos direitos civis dos negros, levou um tiro fatal em abril de 1968. Muitas décadas depois, mais especificamente em maio de 2020, o afro-americano George Floyd foi morto na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, por um policial que se ajoelhou no pescoço dele por quase nove minutos, sufocando-o até a morte. “*I can’t breathe*” (“não consigo respirar”), dizia George, repetidamente, no trágico incidente, antes de perder a vida. No dia dezenove de novembro desse mesmo ano, às vésperas do Dia da Consciência Negra, João Alberto Silveira Freitas, um homem negro, foi espancado em um conhecido hipermercado de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, morrendo em decorrência de brutal agressão física. O assassinato contra cidadãos negros é inquestionável e justifica o ativismo em prol dos direitos civis da população negra. É justamente por essas injustiças que surge o “*Black Panther Party*” (“Partido dos Panteras Negras”), cuja atuação (1966-1982) fundamentava-se por pautas revolucionárias, socialistas e em proveito da ideia de liberdade da comunidade negra. Embora tenha sido extinta na década de 1980, a representatividade contra a discriminação racial continua existindo. “*Black Lives Matter*” (“Vidas Negras Importam”) é um movimento ativista internacional, fundado em 2013, que desempenha considerável papel na luta contra a violência às pessoas negras.

Dizem que os tempos realmente são outros, mas os velhos estigmas e os pensamentos racistas relativos à temática trazida à baila neste artigo são notados até hoje, sendo essas ideias, oriundas de um mundo colonial e patriarcal opressor, algo ainda visível e inequívoco no dia a dia. A sociedade brasileira é uma das mais desiguais da América Latina e mencionar tal fato implica dizer que há pelo menos dois fatores, dentre outros, a serem considerados como uma espécie de impasse para o desenvolvimento do país: a pobreza, como a que se mostra com muita clareza no romance de Socorro Acioli, restringindo a vida de Samuel, o protagonista da narrativa, e o racismo estrutural, em maior evidência na produção literária seminal de Itamar Vieira Junior, em que se destacam as personagens Bibiana, Belonísia, Zeca Chapéu Grande, Severo e a “velha encantada”.

Para nós, talvez não seja nem um pouco difícil pensar que essa crise sistêmica e histórica, alinhada ao cenário contemporâneo em que a literatura brasileira se faz presente, é o

motivo mais preponderante a nos reiterar que os nossos problemas sociais não estão resolvidos e que o ativismo é essencial para a desconstrução de uma sociedade que extermina a população negra e acentua a desigualdade social. Comparado com esses dilemas, não é à toa que “Bacurau” (2019), filme franco-brasileiro dos cineastas brasileiros Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, sugere ao espectador uma trama de ficção científica em que uma suposta cidade do interior pernambucano precisa reagir contra o *game* fascista a que acabam sendo submetidos. Para a pequena população, resta fazer, diante dessas circunstâncias sombrias, a identificação de quem é o oponente, lutando pela sobrevivência de todas as maneiras possíveis, e resistir.

Referências bibliográficas

ACIOLI, Socorro. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1981.

CARPENTIER, Alejo. *A literatura do maravilhoso*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

CHALHOUB, Sydney. A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades... (entrevista feita no dia 07/06/2017). *Jornal da Unicamp*. Disponível em: <encurtador.com.br/tyHW3>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CUTI (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. Lisboa: Asa, 1997.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IANNI, Octavio. *Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018

MOURA, Clóvis. *A sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

SANCHIS, Pierre. “A religião dos brasileiros”. In: PEREZ, Léa Freitas; QUEIROZ, Rubem Caixeta de; VARGAS, Eduardo Viana (orgs.). *Teoria e Sociedade* (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG), Belo Horizonte, número especial (Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira), p. 16-51, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.